Elogio ao silêncio: taxinomias inesgotáveis

O silêncio é um segredo guardado;
Uma intimidade sem imagem nem som;
Uma coisa muda que fala;
Uma coisa cega capaz de fazer ver.

Cláudio Azevedo

Parto de algumas questões para mobilizar o pensamento, o corpo e a atualização de experiências: quais os múltiplos sentidos que o silêncio é capaz de produzir? Como dar materialidade ao silêncio? Tais questionamentos me fazem recordar um trecho que escrevi há alguns anos com o auxílio de alguns intercessores, compartilho a seguir.

"Estamos acostumados a preencher os espaços com a fala e há uma tendência a evitar silêncio entre as conversas. No entanto, assim como a escuridão pode favorecer o contraste com um pequeno ponto luminoso, o silêncio pode ajudar as emoções a se manifestarem com o pensamento. Esse aprendizado sobre o silêncio, o professor Alfredo Martín parece ter encontrado nas práticas com seu orientador de tese, René Lourau, conforme a passagem abaixo sobre a participação deles em um encontro de Análise Institucional:

> Ao chegar ao local do encontro, René pede para ir ao banheiro. Embaraço nos anfitriões, que buscam a chave do banheiro "privado" e não a encontram, alguém a tem em algum lugar... Finalmente liberado, René começa o seminário com poucas palavras introdutórias e imediatamente questiona a instituição do espaço aqui e agora, relatando o incidente do banheiro e perguntando sobre a dona da chave, seu lugar na hierarquia do poder, sobre o fato de os banheiros serem, ou não públicos... Surpresa geral, seguida de dúvidas. Segue-se longo e espesso silêncio... Calmo, René espera as respostas: a intervenção já havia começado. Mais de 25 minutos de silêncio. Mas como, não era ele que ia dar uma aula magistral sobre o espaço? Por que não fala de Lefebvre? Mais silêncio... parece que o grupo vai explodir... eu tento associar alguns conceitos da análise institucional com o que fora dito por René. Mais silêncio... Até que alguém tenta, timidamente, dizer algo sobre a relação do espaço com o poder, da necessidade da análise de tudo isso por nós mesmos... Outro, finalmente, acha que os interventores não são tão malignos nem tão idiotas assim... e a análise começa (MARTÍN, 2004, p. 183-184).

René continua por aqui, como um fio condutor que me fez compreender a importância do silêncio com Martín.

> Aprendi com René, dessa vez, a ter e manter o silêncio e a calma quanto for necessário, depois de ter colocado no grupo as questões de fundo, sem abrir mão delas. 'É nesses silêncios profundos que o instituído se mexe, que o instituinte pode mostrar o seu nariz e alguma coisa nova ser dita...' – comenta René comigo depois. Várias vezes, posteriormente, tive oportunidade de confirmar essas palavras. Muitas falas inundam o espaço para evitar que alguma palavra certa possa vir a dar corpo às verdades escondidas... (MARTÍN, 2004, p. 184).

Assim, também fui entendendo que no campo de intervenção podemos ter encontros com o silêncio, e que ele pode ser uma força a mexer no instituído colocando em curso coisas novas" (AZEVEDO, 2013, p. 42-3).

Como cessar o ruído para localizar zonas de atenção? O silêncio se transforma em um ato de **intervenção**[*] quando dele podemos extrair a indignação latente na alma. Assim vou encontrando energia criativa para produzir classificações que nada mais são que fissuras poéticas para abertura de novos encontros entre a substantivo e a multiplicidade semântica dos adjetivos.

A arte ecosófica me ativou as três instâncias sempre necessárias para mobilizar o que Guattari chamou de ecosofia. Assim, invoco, aqui, a possibilidade do silêncio ambiental, do silêncio social e do silêncio mental. Faço isso porque ao buscar pensar em propostas sobre o silêncio... logo peguei alguns pequenos frascos de vidro (Figura 1) que me olharam dizendo que eram três, como as três ecologias. Também não consigo deixar de pensar em silêncios motivados pela presença dos quatro elementos. Da água se consegue extrair, dentre outros, os silêncios congelados, submergidos, líquidos; e, dos demais elementos, podemos descobrir silêncios em chamas, atmosféricos e outros soterrados.

[*] Quando questionado pela Ana Safons sobre uma palavra para descrever *silêncio* escolhi *intervenção*.

Figura 1 – três silêncios, 2021.

Fotografia: Cláudio Azevedo.

Anne Cauquelin afirma que

> com os ‘quatro elementos’ – o ar, a terra, a água, o fogo – a tradição pré-socrática chegou até nós por meio da *doxa*, portadora de imaginário. O mito, aqui, é poderoso. Devaneios em repouso, sonhos em nuvens, os quatro adquirem direito de cidadania. Eles frequentam nossos medos e nossas esperanças, e temos acerca deles atitudes de crença milenares. O fogo é puro (com o trocadilho etimológico entre o grego *pyr, pyrós* e o latim *purus*) e, ao mesmo tempo, destruidor, guerreiro. A água é ao mesmo tempo salvadora e imunda, a terra é germe e túmulo, o céu é portador de tempestades e luminoso, numa hora noite, noutra dia (2007, p. 143-4).

Desejo essa arte ecosófica que mobiliza o humano no território existencial da promoção de experiências solidárias, afetivas e de júbilo. Porque os frigoríficos guardam o silêncio da morte presentificada na carne do corpo vazio, da indústria capitalocêntrica. Mas a arte, em sua micropolítica, se faz denúncia, homenagem, *intervenção*. A arte do silêncio pode impulsionar o instituinte no contra fluxo totalitário das padronizações alimentares, midiáticas, políticas etc.

> O totalitarismo procura instaurar a imobilidade temporal, ilusão de eternidade que visa, em primeiro lugar, padronizar e controlar os comportamentos. O que ele detesta acima de tudo é o tempo enquanto criação. O seu objeto de desejo é o tempo compartimentado, padronizado,

> controlável. Foucault insista, portanto, e com razão, no fato de que a arte de viver se opõe a 'todas as formas já presentes ou ameaçadoras do fascismo'. Trata-se de fazer da própria existência um *texto* no qual se invente um modo de vida, um trabalho de produção de si através dos signos e objetos; para além da arte, estamos diante de um programa de resistência eficaz contra a uniformização planetária dos comportamentos, contra esse grande aferrolhamento disciplinar de que reconhecemos aqui e ali os sinais precursores (BOURRIAUD, 2011, p. 191).

Esse tempo aiônico da criação pretende, aqui, conceber uma experiência para a *produção de si*. Criar, assim, uma arte de resistência ao negacionismo e ao fascismo que assola nosso Brasil *bozônico*. Esse elemento radioativo a ser combatido com a arte potente dos quatro elementos e suas forças vitais na construção de outros mundos possíveis como nos indica a cosmovisão contemporânea de Ailton Krenak (2019), só para citar um exemplo.

Importante mencionar que a ideia dos frascos que guardam silêncios surge da lembrança de um dos episódios de *Alfred Hitchcock apresenta*. O curta-metragem começa com o mago do suspense em frente a uma prateleira cheia com frascos de vidro. Pouco a pouco ele vai escolhendo aleatoriamente um ou outro frasco e abre rapidamente fechando logo a seguir. O que se escuta é um grito que cessa logo que o recipiente é fechado. Cada um contém um grito distinto com timbres específicos e relacionados a diferentes experiências vividas frente ao medo sentido.

Não precisamos guardar os medos nos frascos, ao contrário. Abri-los para libertar psiquicamente aquilo a ser elaborado. O grito pode ser de medo, mas não só de medos são feitos os gritos. Essa multiplicidade da matéria vocal me fez pensar na possibilidade de guardar qualquer coisa dentro do frasco: imagens, sons, pessoas, fragrâncias, sabores, outros seres não humanos etc. Guardar e liberar silêncios pesados, silêncios leves, de volumes diversos. Vamos à proposta do guardador de silêncios...

****

Proposta educativa silenciosa

o(a) guardador(a) de silêncios

Silencio o silêncio que se
apresenta impregnado de injustiça;
Silêncio bom é aquele que silencia
o preconceito e o autoritarismo.
Cláudio Azevedo.

Advertência: a proposta pode ser adaptável para qualquer público, usem, reinventem, movimentem silêncios por onde passarem...

Resumo: O objetivo desta proposta é promover um processo grupal de análise das experiências com o silêncio guardadas por cada participante. O silêncio pode ser um analisador que, a partir de um exercício de atualização das experiências, possibilite a reflexão e o aprofundamento do vivido por meio da construção de argumentos coletivos que possam *dar a ver* a multiplicidade existente na partilha das perspectivas. A metodologia consiste em uma microintervenção ativadora de processos de autoanálise e autogestão coletiva. Pode ser realizada presencialmente ou à distância. Será importante lembrar, atualizar experiências, narrar de modo verbal e/ou visual e realizar a partilha contando com a análise dos participantes. A quantidade de encontros necessários será de acordo com a quantidade de pessoas envolvidas.

Encontro 1

Passo 1: Fazer um relaxamento com música instrumental, exercícios de respiração profunda e alongamento corporal.

Passo 2: Todas(os) de olhos fechados. Pedir que cada pessoa lembre de uma experiência com o silêncio, relembrando cheiros, pessoas, outros seres, cores etc. (manter a música de fundo).

Passo 3: Pedir que cada um(a) escreva uma narrativa sobre a experiência atualizada.

Passo 4: Pedir que cada pessoa separe um recipiente (frascos de vidro, lata com tampa etc.) para trazer no próximo encontro. Abrir espaço de fala para tirar dúvidas.

Encontro 2

Passo 1: fazer uma rodada de partilha do que cada pessoa escreveu. Pedir que durante o relato os demais escrevam uma frase ou palavra daquilo que mais chamou atenção no relato. Ao final cada um lê para o colega a frase ou palavra (análises). Pedir que a pessoa anote as partilhas dos colegas.

Passo 2: pensar como podemos ressignificar, a partir da partilha do outro, a nossa experiência e que sentidos podem ser agregados ao nosso silêncio. Usar o "frasco" para guardar esse novo silêncio. Tirar dúvidas.

Encontro 3 e 4

Passo 1: fazer uma rodada de partilha apresentando o seu recipiente de guardar silêncios e o que existe dentro dele.

Passo 2: pedir que customizem o recipiente e o fotografem. Sempre que quiserem podem abri-lo para atualizar e ressignificar alguma experiência... libertando silêncios e guardando tantos outros. Mobilizem, assim, o vivido na concretude do objeto. Colocar a imaginação e os blocos de sentido em movimento para uma nova experiência coletiva de ressignificação do silêncio em suas multiplicidades.

Referências:

AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. *Por uma Educação Ambiental Biorrizomática*: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais. Tese de doutorado em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Área de concentração: Educação. Rio Grande, RS: FURG/PPGEA, 2013. 350 p.

BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de vida*: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2011.

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhiadas Letras, 2019.

MARTÍN, Alfredo. *René, os analisadores históricos, as loucas da praça de maio...* In.: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; ALTOÉ, Sonia (organizadoras). SaúdeLoucura número 8. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.